

**STELA MÁRCIA ALLEN**

**“BRINCANDO COM A ÁGUA” :  
UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DUAS PEDAGOGIAS  
APLICADAS À APRENDIZAGEM DA NATAÇÃO, PARA  
CRIANÇAS DE 7 A 12 ANOS.**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
CAMPINAS - 1997**



**STELA MÁRCIA ALLEN**

**“BRINCANDO COM A ÁGUA” :  
UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DUAS PEDAGOGIAS  
APLICADAS À APRENDIZAGEM DA NATAÇÃO, PARA  
CRIANÇAS DE 7 A 12 ANOS.**

Monografia apresentada como exigência parcial à obtenção do título de Bacharel em Educação Física, modalidade Recreação e Lazer sob a orientação do Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino e co-orientação do Prof. Me. Orival Andries Júnior.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
CAMPINAS - 1997**

## **AGRADECIMENTOS**

**Aos meus pais Joel e Gláucia, por “simplesmente” tudo .**

**Ao meu orientador, Prof. Dr. Nelson C. Marcellino, pela revisão deste trabalho e pela amizade.**

**Ao meu co-orientador, Prof. Me. Orival A. Júnior, pelo carinho.**

**Aos alunos que participaram desta pesquisa.**

**A todos que puderam de alguma forma me ajudar.**

## RESUMO

Este trabalho pretendeu estabelecer uma comparação entre duas pedagogias aplicadas ao ensino da natação, aqui denominadas, por “ formal ” e “ lúdica ” . Para isto, fiz uma pesquisa bibliográfica, onde pude levantar importantes considerações a respeito de como era a prática da natação durante o decorrer da História, assim como verificar os métodos utilizados para a aprendizagem e a sua evolução enquanto desporto. Levantei também todo um referencial a respeito dos elementos lúdicos da cultura e dos aspectos técnicos tradicionais do ensino da natação. Através da pesquisa de campo, utilizando um procedimento de pesquisa “quase - experimental”, pude observar a aplicação das duas pedagogias e com a coleta de dados feita através da técnica de observação participante, analisar os resultados e concluir que apesar da pedagogia “ lúdica ” apresentar menores índices de evasão e maior grau de interesse para o desenvolvimento do ensino/ aprendizagem, melhor seria combinar elementos das duas pedagogias dando ênfase aos componentes lúdicos.

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>01</b>
<b>Capítulo I</b>	
<b>Situando a natação no contexto histórico e da Educação Física .....</b>	<b>04</b>
<i>1.1 - A prática da natação e o processo histórico.....</i>	<i>04</i>
<i>1.2 - A prática da natação dentro da Ed. Física.....</i>	<i>07</i>
<i>1.3 - Resgatando alguns métodos de aprendizagem.....</i>	<i>09</i>
<b>Capítulo II</b>	
<b>O lúdico e o formal no processo de ensino-aprendizagem.....</b>	<b>14</b>
<i>2.1 - O aspecto lúdico na relação com a aprendizagem.....</i>	<i>14</i>
<i>2.2 - A aprendizagem formal.....</i>	<i>19</i>
<b>Capítulo III</b>	
<b>Comparando as observações .....</b>	<b>22</b>
<b>Considerações finais.....</b>	<b>30</b>
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>31</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>33</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado da minha pesquisa de iniciação científica, que realizei na Faculdade de Educação Física da Unicamp, durante o ano de 1995, terminando-a em 1996, contando com apoio financeiro do SAE-UNICAMP, juntando-se a algumas correções e modificações em termos de forma.

Meu interesse em realizar esta pesquisa partiu inicialmente por estar administrando aulas de natação para crianças nesta Faculdade, desde o ano de meu ingresso nesta instituição (1993).

Havia turmas de crianças de 5 a 12 anos. Nestas aulas, o conteúdo para a aprendizagem da natação era sistematizado, ou seja, utilizava uma metodologia em que o aluno incorporava os movimentos de cada estilo de nado através da repetição de ações padronizadas. Assim, para se ensinar ao aluno a maneira de se respirar neste novo meio, era realizado exercícios em que os mesmos, voltados para a parede ficavam por algum tempo expirando pela boca acima da superfície da água e inspirando pelo nariz abaixo da superfície da água ou ainda, para se aprender a pernada do nado “crawl”, os alunos deveriam ficar com as mãos apoiadas na borda da piscina e realizar o movimento por um bom tempo. Assim, o professor poderia verificar o desempenho de cada um e corrigir quando necessário. Estes são apenas alguns dos exemplos entre muitos em que pude observar um certo cansaço e desinteresse pela atividade e pela aula no total.

Juntando-se a este fato, há toda uma questão pessoal envolvida. Meu pai e minhas irmãs foram atletas deste esporte, então desde cedo acompanhei muitas competições e também recebia incentivo para competir mas, nesta época meu interesse não passava de brincar e me divertir na piscina do clube ou no mar. Gostava de buscar objetos no fundo da piscina, de usar bóias coloridas; usava uma câmara de pneu que servia para brincar tentando me equilibrar sobre ela. Queria e gostava de estar em contato com a água, mas sem ter com ela uma relação de compromisso enquanto futura atleta.

Foi então, a partir de observações sobre minha infância e das aulas administradas que pude levantar alguns problemas sobre o ensino atual da natação, levando em conta algumas considerações sobre o universo infantil.

Assim, inicialmente, pude constatar através de observação em organizações de ensino como clubes, escolas e academias, que o ensino da natação, está mais centralizado no aspecto formal. Entende-se por formal, a repetição de ações padronizadas como a que descrevi mais acima, sem que o aluno saiba o por quê de se estar executando-as.

Através de bibliografia específica da área, pude encontrar uma outra forma para a aprendizagem e a chamei aqui por “lúdica”. Esta pedagogia tem por objetivo desenvolver o ensino dando ênfase aos aspectos lúdicos, procurando fazer com que a criança aprenda, através de jogos e brincadeiras inseridas na sua cultura cotidiana, e buscando destacar o prazer da vivência no meio líquido.

Muitos autores (KLEMM, RAPOSO), tendo em vista o produto final, ou seja, a aprendizagem do nado, preferem o uso do 1º método como melhor forma de trabalho, e alguns (apesar de não se ter ainda uma vasta bibliografia específica), preferem o 2º (DAMASCENO, BURKHARDT).

Esta é a justificativa para o presente estudo. O que pretendi foi traçar paralelos entre essas duas propostas, tendo por objetivo contribuir para que os profissionais da área reflitam sobre a questão e possam optar, com maior margem de segurança, pela metodologia melhor adequada à cada circunstância.

O trabalho baseou - se numa combinação de pesquisas bibliográficas e de campo. <sup>1</sup>

Quanto ao modo de investigação, foi utilizado um estudo comparativo através de procedimento de pesquisa “quase experimental” <sup>2</sup>

<sup>1</sup> P. de BRUYNE e outros. Dinâmica da pesquisa em ciências sociais, p.235 e 236.

<sup>2</sup> Ibid, p.229 e 237.

L.REY. Planejar e redigir trabalhos científicos, p.36 e 37.

Para realização da pesquisa bibliográfica <sup>3</sup> foram definidas as seguintes etapas:

- levantamento bibliográfico sobre os temas principais do trabalho, como: aprendizagem, educação, pedagogia, natação, jogos, realizado no sistema UNIBIBLI / CD-ROM.
- seleção das obras levantadas, através de análise textual.
- interpretação das obras; apuração de informações para embasamento teórico.
- definição de “categorias” para pesquisa de campo.

Já a pesquisa de campo <sup>4</sup> foi desenvolvida através de um plano “quase - experimental ” realizado com 2 turmas (uma lúdica e outra formal) para crianças na faixa etária de 7 à 12 anos, estas selecionadas por critério de amostragem não probalística <sup>5</sup>, por acessibilidade, de acordo com o interesse manifestado através da matrícula e frequência nas atividades.

Paralelamente ao procedimento “quase-experimental” foi utilizado como técnica complementar a observação participante <sup>6</sup>.

O local de trabalho foi a piscina da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, definida assim por critério de acessibilidade.

---

<sup>3</sup> M. C. CARVALHO (org) Construindo o saber: Técnicas de metodologia científica, p.110.

<sup>4</sup> P. de BRUYNE. Dinâmica da pesquisa em ciências sociais, p.235-237.

<sup>5</sup> Ibid, p.217.

<sup>6</sup> Idem, p.213-214.

## CAPÍTULO 1

### Situando a natação no contexto histórico e da Educação Física

#### 1.1 - A prática da natação e o processo histórico

Não é objeto de análise desse trabalho, mas, somente pela observação assistemática pode-se perceber que o meio líquido convida a muitos a conhecê-lo e desfrutar de seus prazeres.

Na água, existem diferentes formas de se expressar. Alguns podem entrar em uma piscina, mar ou um rio e exercitar uma atividade física sem compromissos; outros podem somente ficar parados, deixando com que o corpo sinta a movimentação da água o envolvendo, ou também brincar, permitindo o deslizar deste e até mesmo mergulhar ou fazer uso de brinquedos como bóias, bolas, etc. Outra forma de expressão é a prática sistêmica da natação.

Conforme Machado ,

*“um aprendiz aproxima-se da piscina, com dois intuitos: um, o utilitário, onde o desejo de aprender orientado por alguém prende-se à necessidade de defesa, à vontade de aumentar o campo de diversão e à prática de um exercício salutar, sem obrigatoriedade; outro é aquele que se dirige a iniciação desportiva com objetivos ou com olhos postos no futuro, quando, quem sabe, competirá”<sup>7</sup>.*

Para alguns autores e para algumas das pessoas que estabelecem contato com a natação, ela se caracteriza como um esporte que busca o rendimento através de uma série de exercícios metódicos, prevalecendo o aperfeiçoamento da técnica dos estilos, não passando de gestos mecanicistas<sup>8</sup>.

Para outros , ela é muito mais do que isto, ela é *“... a múltipla relação pura e simples com a água e com o próprio corpo.”<sup>9</sup>*

<sup>7</sup> L.G.DAMASCENO. Natação, psicomotricidade e desenvolvimento , p.IX.Apresentação.

<sup>8</sup> Idem, p.19.

<sup>9</sup> R.BURKHARDT e M.O.ESCOBAR. Natação para portadores de deficiências , in Natação é mais!

Alguns trabalhos como o de Sato e Damasceno têm realçado a importância de estabelecer relações entre a natação e a psicomotricidade, esta entendida sob o conceito de BURKHARDT como

*“... natação, baseada no conhecimento da psicomotricidade humana, deve-se dirigir a uma formação fundamental em que a racionalização do movimento não iniba a criatividade, a espontaneidade, a liberdade do movimento e a sua significação e sentido.”<sup>10</sup>*

Como se observa, o termo natação apresenta significados diferentes para cada situação e para cada pessoa.

É nesse sentido que irei descrever nesta primeira parte do trabalho um pouco da importância que a prática da natação teve durante algumas das principais épocas da História e também dos diferentes lugares onde era exercida. A maneira como era conceituada e executada apontam aspectos importantes para uma análise atual.

Desde os primórdios da Vida, o ser humano despertou curiosidade pela água, seja para se divertir desinteressadamente ou para praticar suas habilidades físicas. Nem mesmo os historiadores deste esporte sabem ao certo a data em que o homem começou a envolver-se e dedicar-se a natação.

*“Devemos crer, entretanto, que ela deve remontar à época em que começou a construir as suas rudimentares habitações lacustres. Foi aí, provavelmente, que o animal racional, protegendo-se contra os eventuais ataques dos inimigos, imaginou um meio seguro de repousar. Para alcançar o repouso ou a sua residência, teria que nadar ou locomover-se de outra qualquer maneira, remando, talvez.”<sup>11</sup>*

Podi notar através deste registro que o homem tomou contato inicialmente com a natação como forma de proteção em fuga e como locomoção.

Outras fontes como Lenk e Lotufo indicam que a natação poderia já ser praticada por egípcios, indús, gregos (por volta de 3.000a.C) e romanos. Para estes, “... a natação era

<sup>10</sup> Apud B.ARAÚJO JÚNIOR. Natação: Saber fazer ou fazer sabendo ? , p. 32.

<sup>11</sup> J.N.LOTUFO. Ensinando a nadar , p.03.

*considerada como um requinte de distinção social”*<sup>12</sup>. Os que não soubessem nadar eram como os que não soubessem ler e escrever e assim eram tratados com indiferença.

Os baixos-relevos da Assíria revelam uma espécie de braçada clássica usada pelos soldados para a travessia do Eufrates e, algumas escavações também registram a existência de piscinas térmicas no Egito e na Índia neste mesmo período. Estas eram utilizadas para o banho de termas dos homens de maior status sócio-econômico.<sup>13</sup>

Na Idade Média, a prática da natação passou por um período de desfalecimento porque muitos acreditavam que a água era um meio ideal para disseminação de doenças mas, na Renascença, atingiu interesse enquanto desporto<sup>14</sup>.

Em fins do século XV e início do XVI, Guths Muths difundiu a prática da natação e começou a organizar as primeiras competições. Desde então começaram a surgir os primeiros trabalhos escritos sobre natação (Inglaterra, Alemanha, Suécia).

Por volta do século XIX, desenvolve-se outro estilo, que muito se assemelhava ao “crawl” atual. Este novo estilo sofreu modificações e tanto australianos como americanos deram suas contribuições antes de ser divulgado ao mundo para então ser considerado um estilo mais vantajoso que o anterior.<sup>15</sup>

Assim como o “crawl”, o nado costas também sofreu modificações até chegar a um modelo mais aperfeiçoado e, mais tarde um pouco, veio outro estilo conhecido atualmente por nado borboleta. Este último provocou uma revolução na natação pois ao mesmo tempo que era exaustivo também era o mais espetacular para nadar distâncias curtas.<sup>16</sup>

Nesse mesmo século, as competições tornaram-se mais frequentes e a prática do esporte mais difundida. As primeiras associações começaram a surgir e com ela a distinção de categorias:

---

<sup>12</sup> Idem, p.04.

<sup>13</sup> M.LENK e W.PEREIRA. Natação Olímpica, p.15.

<sup>14</sup> Ibid, p.15.

<sup>15</sup> J.N.LOTUFO. Ensinando a nadar, p.05.

<sup>16</sup> D.C.MACHADO. Metodologia da natação, p.65.

*“Data de 1869 a Associação de Natação Amadora, e a qual se atribui a formação do conceito de amadorismo...”*.<sup>17</sup>

Com os Jogos Olímpicos (1908), outra instituição é fundada para fazer a organização técnica dos Jogos e regulamentar o desporto: a F.I.N.A (Federación Internacionale de Natación Amateur).

Desta forma, percebe-se que a natação passou a tomar o cenário definitivo dos esportes. A prática era sistemática, haviam treinos para competições e a preocupação na evolução técnica dos estilos de nado.

Dando prosseguimento a descrição dos fatos históricos da natação, a partir deste segundo item irei observar a maneira como era pensada e executada mas sob o enfoque da Educação Física.

## **1.2 - A prática da natação dentro da Ed. Física**

Para isto, irei tomar como base um autor, Guiraldelli Júnior<sup>18</sup>, que procurou em uma de suas obras descrever a prática da Educação Física neste milênio, descrevendo-a através de tendências classificadas por:

- Educação Física Higienista - 1889-1930.
- Educação Física Militarista - 1930-1945.
- Educação Física Pedagógica - 1945-1964.
- Educação Física Competitivista - anos 60-70.
- Educação Física Popular - anos 70-aos dias atuais.
- Educação Física “Progressista” - sugerida pelo autor.

<sup>17</sup> M.LENK e W.PEREIRA. Natação Olímpica, p.16.

<sup>18</sup> P.GHIRALDELLI JÚNIOR. In . Educação Física Progressista.

Tomando-o como referência, pude observar que suas tendências não estão restritas tão somente ao período classificado, como podem estar contidas implicitamente em outros períodos, como exemplo, na Competitivista, há valores Higienistas e também Militaristas.

Minha intenção aqui em levantar o estudo feito por este autor é demonstrar que a prática da natação também apresentou fortes influências higienistas, militaristas e competitivistas em determinados períodos históricos e atualmente ainda apresenta.

A Educação Física Higienista procurou dar um foco especial à saúde pública. Praticava-se esportes e/ou atividades físicas para manutenção das funções vitais do organismo. Dentre as atividades oferecidas pela Educação Física, a natação teve grande destaque, sendo um dos esportes que beneficia o sistema circulatório e respiratório.

*“A natação é muitas vezes considerada como um dos desportos mais saudáveis. Recomendada por muitos médicos, é tida como uma espécie de panaceia para uma vasta gama de doenças.”*<sup>19</sup>

Percebe-se então que a aprendizagem da natação nesta época apresentava um caráter puramente biológico.

A preocupação em manter o corpo “em forma” ou esteticamente perfeito, atualmente têm trazido também alguns alunos à prática deste esporte.

Muitos médicos atualmente recomendam a natação para combater problemas respiratórios e de coluna, mas já se sabe que a prática desse esporte não é só importante por esses fatores de saúde, mas também porque proporciona uma liberdade de movimentos e a descoberta de um novo meio.

A Educação Física Militarista como o próprio nome indica, pertenceu a um período ditatorial da história de nosso país. Preocupava-se com a saúde também, mas seu objetivo principal era formar uma juventude capaz de lutar pela pátria. Ela “...visava impor a toda a sociedade

---

<sup>19</sup> D.WILKIE e J.KELVIN. Iniciação à natação, p.12.

*padrões de comportamento estereotipados, frutos da conduta disciplinar própria ao regime de caserna ”<sup>20</sup>.*

A natação enquanto esporte passou a apresentar conduta disciplinar. Ela servia para a preparação de corpos sadios para que servissem a pátria. Na natação eram utilizados exercícios sistemáticos e estereotipados.

Na concepção Competitivista era valorizada a busca da superação individual e a quebra de recordes e, a natação passa a ser entendida como “...um desporto estruturado e regulamentado que busca obter registros de tempo cada vez mais inferiores através de um treinamento metódico, individualizado e específico...”<sup>21</sup>.

Em vista destas informações, despertou-me a curiosidade de como era administrada a aprendizagem deste esporte. Para isto, procuro agora descrever alguns dos métodos e concepções utilizados para a aprendizagem da natação e que pode trazer algumas revelações de suma importância.

### **1.3 - Resgatando alguns métodos de aprendizagem**

Concordo com LOTUFO<sup>22</sup>, quando afirma que, com o conhecimento dos métodos, podemos encarar os problemas (atuais) com amplas perspectivas.

Para que os estilos fossem assimilados, eram utilizados métodos de ensino.

Alguns desses métodos lançavam mão de uma série de exercícios à seco, demonstrando a técnica do nado para depois o aluno praticar na água.

Outros já colocavam o aluno diretamente na água, deixando-o confiante a executar a prática ou então utilizavam fases gradativas para adaptação.

---

<sup>20</sup> P. GHIRALDELLI JÚNIOR. Educação Física Progressista, p. 18.

<sup>21</sup> L.G. DAMASCENO. Natação, psicomotricidade e desenvolvimento, p. 19.

<sup>22</sup> J.N. LOTUFO. Ensinando a nadar, p. 147.

O método do Dr.H.F.Kallenberg <sup>23</sup> recomenda que se coloque o principiante direto na água.

As etapas do seu método são:

- ⇒ Submersão, segurando na borda da piscina.
- ⇒ Colher objetos no fundo.
- ⇒ Crawl elementar. Ênfase nos braços. Movimentação de pernas, se possível, para flutuação.
- ⇒ Respiração rítmica e lenta.
- ⇒ Braçada de peito.

Para Robert.C.Cubbon, era necessário um método no qual o participante deveria tornar-se confiante através de uma série de etapas gradativas. Este método ficou conhecido como Método de Confiança. O aluno deveria aprender primeiro a submersão e a mergulhar para depois desenvolver as técnicas do nado. Sem que soubesse bem uma etapa não poderia passar para as demais.

O sistema que obteve maior destaque foi o do Dr.Brink. Nele, havia a criação de quadros mentais que absorviam a atenção do aluno a fim de que o medo fosse dissipado. Era utilizado com sucesso para todas as idades, principalmente com crianças.

O Dr.Brink utilizava quadros como o pato esfaimado que fazia com que o aluno colocasse o rosto na água, com os olhos abertos imitando o gesto de um pato procurando o que comer abaixo da superfície da água e, o vapor, outro quadro que também mexe com o imaginário da criança, induzindo-a a fazer o movimento da perna do nado crawl imitando a hélice do navio a vapor.

Outros métodos também utilizados foram: Método Corsan, Método Handley e o de Mills.

Todos estes métodos eram englobados dentro de uma das três correntes da pedagogia da natação: a concepção global, a analítica e a sintética.

A Concepção Global é a mais antiga delas e persistiu durante séculos. Ela não se preocupou com a organização da aprendizagem.

---

<sup>23</sup> Idem , p.152.

*“A corrente global explica-as (as transformações no meio líquido) pelo instinto, pelo inato, pelo espontâneo”* <sup>24</sup>.

Já a Concepção Analítica procurou fazer o estudo e análise dos movimentos do nado, seguindo um método para se tornar prática pedagógica.

A Concepção Moderna ou Sintética buscou contribuições de outras áreas do conhecimento como a Psicologia e a Pedagogia, confrontando-as e aplicando. Buscou estabelecer uma metodologia mais humana e foi reconhecida como a *“ mais recente e mais racional ”* <sup>25</sup> delas.

Remetendo-me aos métodos atuais, pelo que pode ser constatado numa grande maioria de escolas / academias de natação, podem ser verificadas, duas formas distintas para o ensino deste esporte que são aqui chamadas, por mim, de *“ formal ”* e *“ lúdica ”*.

Tanto na pedagogia (aqui entendida como prática ou profissão do educador e teoria sobre a educação <sup>26</sup>) formal como na lúdica, o ensino é fragmentado em unidades ou etapas. Há a etapa da adaptação ao novo meio, a flutuação, o deslizamento até a aprendizagem correta dos estilos.

A diferença básica entre as duas pedagogias está no ponto em que no ensino lúdico, este se utiliza de recursos como jogos e brincadeiras da cultura popular, durante toda a aula, para atingir o aprendizado das técnicas dos nados. Já o ensino formal, utiliza somente esta técnica, permitindo os jogos no tempo final da aula, como forma compensatória.

Uma característica presente em todos os jogos e que é da maior importância, é o aspecto lúdico da atividade.

Para HUIZINGA, *“... a realização do lúdico se dá no jogo, que tem sua essência no divertimento.”* <sup>27</sup>

Conforme MARCELLINO, *“ ... o significado da vivência do elemento lúdico da cultura da criança não é único, mas múltiplo.”* <sup>28</sup> Ainda, *“... seja como for, o lúdico é um meio de expressão*

<sup>24</sup> R.CATTEAU e G.GAROFF. O ensino da natação, p.30.

<sup>25</sup> Idem, p.52.

<sup>26</sup> Ibid, p.717.

<sup>27</sup> N.C.MARCELLINO. Pedagogia da animação, p.25

<sup>28</sup> Ibid, p.75-76.

*para a criança, ou melhor, o seu meio de expressão fundamental; expressão simbólica de experiência e desejos.”* <sup>29</sup>

No processo de aprendizagem, pode-se incorporar o aspecto lúdico, a presença de jogos e ainda educar para as atividades de lazer que podem englobar os aspectos anteriores.

*“ O educador não pode desconhecer esse fato e, menos ainda, ignorar a relação do lazer com a aprendizagem.”* <sup>30</sup>

Para o sociólogo JOFFRE DUMAZEDIER, o lazer é entendido como

*“... um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de bom grado, seja para repousar, seja para divertir, seja para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, depois de ter-se liberado de suas obrigações profissionais, familiares ou sociais”* <sup>31</sup>.

Sob esta ótica, a criança aqui estudada pode desenvolver atividades de lazer quando faz a prática da natação, ou seja, a criança quando livre das suas obrigações profissionais (ou escolares), familiares e sociais, usa o seu tempo liberado para a aprendizagem esportiva escolhida por ela, seja para divertir-se ou obter informação.

Portanto, o educador ou aqui no caso, o educador físico deve estar atento as possibilidades de vinculação das práticas esportivas à prática do lazer, principalmente o lazer sob o aspecto físico-esportivo <sup>32</sup>.

Encerrando a primeira etapa deste trabalho, posso afirmar, baseada na pesquisa bibliográfica, que o aspecto lúdico na prática da natação é um elemento importante, que vem sendo utilizado mais contemporaneamente, mas tem raízes históricas bem distantes. Ficou, posso dizer, esquecido dos educadores ou instrutores, e isso é talvez justificável, pela valorização da

<sup>29</sup> Idem, p.77.

<sup>30</sup> L.C.ROLIM. Educação e Lazer: A aprendizagem permanente, p.07.

<sup>31</sup> J.DUMAZEDIER. Lazer e cultura popular, p.34.

<sup>32</sup> L.O.L.CAMARGO. O que é lazer.

aprendizagem rápida, visando a “performance”. Observa-se, assim, a valorização do produto, em detrimento do processo de ensino / aprendizagem.

É preciso, no entanto, não considerar a incorporação do elemento lúdico como falta de seriedade. Pelo contrário, o “jogo” é sério - só não é sisudo. É fundamental, também considerar o lazer não como ausência de dedicação e esforço, mas, pelo contrário, esses dois elementos baseados no prazer, e não na rotina robotizada de exercícios rigidamente programados, sem que o aluno saiba a finalidade, e executar mecanicamente, sem alegria.

No próximo capítulo, irei abordar mais detidamente o aspecto lúdico e o aspecto formal em relação a prática da natação.

## CAPÍTULO 2

### O lúdico e o formal no processo de ensino - aprendizagem

#### 2.1 - O aspecto lúdico na relação com a aprendizagem

No capítulo anterior abordei, historicamente, a preocupação com a incorporação dos aspectos lúdicos à prática da natação.

Agora pretendo discorrer mais detidamente sobre a relação dos aspectos lúdicos com o processo de ensino - aprendizagem da natação para crianças de 7 à 12 anos.

Primeiramente farei algumas colocações sobre o aspecto lúdico; em seguida, sobre sua incorporação à aprendizagem da natação.

Quando fala-se no termo lúdico, muitos ao nosso redor já pensam e expressam idéias como: ah!, isso é brincadeira, não é coisa séria, é só divertimento!

Estudar o lúdico, então, não é tarefa fácil<sup>33</sup>, devido a estes preconceitos.

O componente lúdico possui algumas manifestações ou elementos, como: o jogo, a brincadeira, o faz de conta<sup>34</sup>. Autores diversos diferenciam estes elementos em termos de conceitos e definições mas, não tenho a intenção de detalhá-los aqui.

Nas sociedades primitivas ou tradicionais, marcadamente rurais, o aspecto lúdico estava mais presente que atualmente em diferenciadas manifestações culturais. Festas, jogos, comemorações e rituais culturais eram mais frequentes no cotidiano destas civilizações, devido ao aspecto de não haver uma separação extrema entre as esferas da vida do homem. O trabalho, era *"... frequentemente interrompido para conversas, acompanhava o ritmo do homem, e não raro era executado ao som de cantos"*.<sup>35</sup>

<sup>33</sup> H.T.BRUNHS. O corpo parceiro e o corpo adversário.

<sup>34</sup> N.C.MARCELLINO. Pedagogia da Animação.

<sup>35</sup> N.C.MARCELLINO. Ocorrência histórica do lazer, p.02.

Após o advento da Revolução Industrial, o trabalho passou a ser mais especializado e a ocupar maior parte do dia das pessoas, que passaram a pensar cada vez mais na produção, e o lúdico começou a ser negado precocemente.

Atualmente, além de termos uma grande industrialização, ainda convivemos com o grande avanço da urbanização e da violência. Temos medo, e com razão, de deixar que as crianças brinquem nas ruas. Estas crianças, devido a este aspecto, ficam dentro de casa, ou de condomínios, trancadas e isoladas de uma convivência mais ampla com outras crianças e outras culturas.

O mundo moderno da eletrônica e da computação também colaboram fazendo com que elas passem seu tempo com os jogos de computador esquecendo-se dos tradicionais jogos de rua e cantigas de roda.

Gostaria de deixar claro que não condeno os jogos eletrônicos e videogames pois, eles também têm seu lado educativo mas, penso apenas que estes não deveriam tomar o tempo todo de recreação da criança, excluindo - as dos jogos da cultura popular.

Conforme citado no capítulo anterior, para MARCELLINO, o lúdico é um meio de expressão fundamental para a criança. Portanto, não devemos deixar-nos intimidar pelas circunstâncias acima citadas e proclamar o fim do lúdico.

Segundo GIRARDI <sup>36</sup>, *"... brincar é prazeroso e importante na vida do ser humano em várias faixas etárias. Na brincadeira, a realidade e a fantasia interagem dando esperança para criar e transformar o meio em que vive "*.

Conforme ALVES, a atividade do homem define a sua humanidade. Sendo assim, o mesmo, questiona sobre a atividade das crianças. O que elas fazem ? Simples, elas brincam. O brincar é uma *"... atividade não- produtiva. Ela não visa a produção de qualquer objeto... mas proporciona prazer."* <sup>37</sup> Entendo essa não produção em termos materiais e de lucro financeiro.

<sup>36</sup> M.J.GIRARDI.Brincar de viver o corpo , In, V.L.N.PICOLLO, Educação Física Escolar: Ser...ou não ter.,p.73.

<sup>37</sup> R.ALVES. A gestação do futuro , p.96.

Essa característica de prazer e divertimento que o jogo produz faz com que muitos não consigam compreender que ele não é só divertimento. Sua utilização através de jogos ou brincadeiras, é capaz de propiciar o desenvolvimento das capacidades cognitivas, psicomotoras e afetivo-social.

Atividades como o jogo, a recreação e o lazer podem facilitar esse desenvolvimento.

*“O jogo é um recurso metodológico capaz de propiciar uma aprendizagem espontânea e natural. Estimula a crítica, a criatividade, a sociabilização e a socialização, sendo, portanto, reconhecido como uma das atividades mais significativas - senão a mais significativa - pelo seu conteúdo pedagógico-social.”*<sup>38</sup>

Algumas instituições educacionais ou até mesmo alguns pais acham que o jogo produz bagunça, não há ordem e não se aprende nada. Na verdade, esta idéia está equivocada, “... o jogo cria ordem e é ordem...”<sup>39</sup>, uma ordem criada e dirigida pelas próprias crianças. Elas mesmas decidem as regras dos jogos e de suas brincadeiras e assim monitoram sua atividade até alcançarem seus objetivos.

A procura do jogo é pela necessidade e não pela distração,

*“... é pelo jogo que a criança se revela. As suas inclinações boas ou más, a sua vocação, as suas habilidades, o seu caráter, tudo que ela traz latente no seu eu em formação, torna-se visível pelo jogo e pelos brinquedos, que ela executa.”*<sup>40</sup>

Lebovici e Diatkine afirmam que se o jogo, o brinquedo, é tão importante, deve ser também considerado como a “... expressão dos modos atuais da organização da personalidade da criança e como um modo estruturante em relação às organizações mais tardias.”<sup>41</sup>

A prática da natação deve ser bem estimulante e motivante, para que todos possam interessar-se e absorver o que é passado. Uma brincadeira ou um jogo pode ser muito estimulante

<sup>38</sup> V.M. OLIVEIRA. O que é Educação Física, p.74.

<sup>39</sup> N.C. MARCELLINO. A sala de aula como espaço para o "jogo do saber". In, R. MORAIS, Sala de aula. Que espaço é esse? p.61; citando HUIZINGA. Homo ludens.

<sup>40</sup> T.M. KISCHIMOTO. Jogos tradicionais infantis - O jogo, a criança e a educação, p.106

<sup>41</sup> S. LEBOVICI e R. DIATKINE. Significado e função do brinquedo, p.06.

para uma criança e, para outra, ser bem desagradável. Isso envolve fatores como o interesse, a faixa etária e o sexo.

Algumas crianças também só se sentem motivadas a fazer alguma coisa, quando percebem o que aquilo pode representar para elas, o significado e ver como lhes vai ser útil.

Em vista disto, os professores de Educação Física, devem estar atentos quando forem utilizar atividades lúdicas, para que possam ser motivantes para seus alunos e para que esses possam fixar o aprendizado da maneira mais simples para eles, que é através do brincar.

*“A vantagem do trabalho lúdico é que o prazer conferido pela atividade é muito motivante e estimula a criança a superar dificuldades que normalmente não superaria em outras circunstâncias”.*<sup>42</sup>

Pela simples observação, nota-se que, a natação é um esporte que deixa os iniciantes, principalmente as crianças, com uma mistura de medo e prazer. É um meio diferente, onde nós, seres humanos, inicialmente não temos o domínio.

Na água, medidas como o peso, a massa e a densidade modificam. O corpo torna-se mais leve, nossa posição para o deslocamento se inverte, ao invés de ser vertical, passa a ser horizontal, a movimentação para andar torna-se prejudicada pelo atrito, e o equilíbrio e a estabilidade também sofrem alterações.

A respiração também sai do habitual e isso torna-se um fator que faz com que muitos tenham temor em colocar o rosto na água ou fazer a submersão total.

Atividades lúdicas em forma de jogo, podem amenizar o temor da água. Nas brincadeiras, as crianças soltam a imaginação, sentem-se estimuladas e absorvem melhor o ensino.

*“O jogo não é o fim visado, mas o eixo que conduz a um conteúdo didático determinado. Ele resulta de um empréstimo de ação lúdica para servir à aquisição de informações”.*<sup>43</sup>

<sup>42</sup> J.B.FREIRE. Educação de corpo inteiro, p.47.

<sup>43</sup> T.M.KISCHIMOTO. Jogos tradicionais infantis- O jogo, a criança e a educação, p.113.

Conforme a evolução da aprendizagem, podem ser inseridos jogos de competição às aulas, a fim de se alcançar uma nova etapa. Eles renovam o estímulo, pois, se as atividades não forem criadas ou renovadas a cada período, perde-se também seu valor pedagógico.<sup>44</sup>

Referindo-se ao jogo competitivo, Bruhns coloca que:

*“Pode-se acrescentar que a competição com o outro, presente em alguns jogos, não se apresenta de forma tão acirrada como no esporte, onde os jogadores mantêm um caráter de compromisso.”*<sup>45</sup>

As ações lúdicas abrem possibilidades para maior desenvolvimento da capacidade cognitiva associada as motoras e afetivo-sociais e, também promovem uma maior integração entre os professores e alunos e, esses entre si.

Conforme Damasceno, uma natação dita moderna ,

*“... deve proporcionar o interrelacionamento entre o prazer e a técnica, através de procedimentos pedagógicos criativos, principalmente sob a forma de jogos, que facultem comportamentos inteligentes de interação entre o indivíduo com o meio líquido, visando o seu desenvolvimento.”*<sup>46</sup>

Nesse processo, os professores têm muitas oportunidades para deixar com que as crianças criem. Além delas usarem a imaginação durante a brincadeira, elas podem criar estilos ou modelos diferentes de se executar a mesma tarefa.

As crianças são as que mais entendem na prática sobre brincadeiras, portanto, elas podem ajudar na elaboração das aulas, sugerindo as atividades ou trazendo as brincadeiras feitas na escola, rua ou com o grupo de amigos, para que o professor possa analisar e incorporar à sua aula, enfatizando sempre o assunto a ser aprendido e fazendo com que o aluno seja um ser atuante nesse processo e não apenas um ser receptivo.

<sup>44</sup> J.B.FREIRE. Educação de corpo inteiro...

<sup>45</sup> H.T.BRUHNS. O corpo parceiro e o corpo adversário , p.46.

<sup>46</sup> L.G.DAMASCENO. Natação, Psicomotricidade e Desenvolvimento , p.19.

Exemplo: Se um grupo de crianças gosta de brincar de “ mãe da rua ”, pode-se muito bem adaptar essa brincadeira à nossa realidade. Faz-se então, a “mãe do rio”. A brincadeira é assim definida: um pegador escolhido pelo grupo não deve permitir com que os outros colegas atravessem a piscina. Se ele pegar algum colega, este será o novo pega.

A atividade pode variar conforme o objetivo da aula. Se o objetivo for o nado crawl, todos devem nadar este estilo.

É importante lembrar que este se torna um momento para os professores criarem opções diferentes, e resgatarem brincadeiras da cultura popular, jogos de rua e cantigas.

## **2.2 - A aprendizagem formal**

Neste ítem, inicialmente, discutirei alguns aspectos da pedagogia formal e sua aplicação à aprendizagem da natação, tecendo considerações sobre como é entendido o desporto e a sua relação com esta forma de aprendizagem.

No primeiro capítulo mostrei alguns métodos, historicamente situados, para a aprendizagem das técnicas da natação. Pude através deste relato, conhecer sobre as formas de ensino destes métodos e verificar a preocupação dos professores em informar aos aprendizes a execução correta dos movimentos, preocupação esta presente em alguns métodos, antes mesmo de fazer com que os alunos estabeleçam contato direto com a água.

Através de observação assistemática à maioria das escolas de natação, clubes e associações desportivas, vi a utilização de uma pedagogia similar a esta, sendo administrada logo no início do processo de aprendizagem.

Dentre tantas as definições sobre a natação e sua aplicação pedagógica, muitos a entendem como

*“...um desporto estruturado e regulamentado que busca obter registros de tempo cada vez mais inferiores através de um treinamento metódico, individualizado e específico, supondo-se para*

*o mesmo fim, pelo menos, o domínio apropriado das técnicas, conhecimento de ritmo além de uma boa preparação física.”<sup>47</sup>*

A aprendizagem através desta pedagogia, entendida neste trabalho por “formal”, caracteriza-se então por ser um ensino metódico e com predomínio da rápida assimilação e correção da técnica do nado, para que os alunos não carreguem certas imperfeições adiante, a fim de se executar os movimentos com um certo grau de perfeição e também para que possam, desde cedo, participarem de eventos competitivos, levando o nome da escola.

A pedagogia formal construiu uma estruturação para aplicar o ensino, baseada em etapas. Esta estruturação procura verificar a existência de uma hierarquia que se possa integrar e uma cronologia das etapas no interior dos componentes.<sup>48</sup>

Conforme Raposo, deve haver quatro etapas constituídas da seguinte maneira: a primeira, caracterizada por uma adaptação ao meio; a segunda por uma formação técnica; na terceira, por um trabalho fora da água para aperfeiçoamento e a última para especialização e treino de alto rendimento.

Quanto aos componentes do ensino estão presentes o equilíbrio (dinâmico e estático), a respiração, a impulsão, o deslocamento após impulsão e o nado ou técnica de cada estilo.

Os três primeiros componentes já são ensinados na primeira etapa da adaptação ao novo meio, mas só são realmente bem executados com o passar das demais etapas.

O equilíbrio e a respiração são etapas mais difíceis para se alcançar. O corpo na água está submetido a forças opostas que provocam uma instabilidade. Há um predomínio da posição vertical e a passagem à posição horizontal é melhor aceita, quando há exercícios em movimento ou dinâmicos, e também quando a criança tem a segurança e certeza de poder regressar à posição vertical.

<sup>47</sup> L.G.DAMASCENO, Natação, Psicomotricidade e Desenvolvimento, p.19

<sup>48</sup> A.J.V.RAPOSO, O ensino da natação.

Quanto à respiração, esta etapa só começa a ser trabalhada tecnicamente quando a criança já suporta ou não mais se incomoda com a água nos olhos; então começa a imergir a cabeça e depois todo o corpo.

A impulsão será executada quando houver o domínio da regressão à posição habitual ou vertical. Algumas crianças fazem - na antes mesmo do domínio total da respiração. Uma impulsão seguida de rápida imersão é feita muitas vezes pelas crianças sem o auxílio do professor, como forma de demonstrar auto - confiança e vitória.

## CAPÍTULO 3

### Comparando as observações

A pesquisa de campo se desenvolveu na piscina da Faculdade de Educação Física da Unicamp, no período de março à junho e de agosto à novembro de 1995, contando com duas turmas de crianças de 7 à 12 anos divididas da seguinte maneira: uma turma direcionada à aprendizagem “formal” e outra, à aprendizagem com elementos lúdicos.

O órgão responsável pela administração das atividades esportivas desta Unidade (anterior CODEX, atual CODESP - Coordenadoria de Desenvolvimento dos Esportes), abriu inscrições para o curso de aprendizagem da natação sem explicitar o direcionamento da pesquisa, exigindo somente o comprovante de idade aos alunos. Portanto, os inscritos não optaram pela forma de aprendizagem e sim pelo horário disponível. O professor / pesquisador definiu as turmas aleatoriamente.

As duas turmas eram administradas duas vezes por semana, com a turma “formal” no horário anterior a outra.

O número de inscritos na turma “formal” (A) foi de 20 e na turma “lúdica”(B) foi de 15 porém, os alunos que frequentaram e completaram o curso foi de 11 para a turma A e de 12 para a turma B.<sup>49</sup>

Através deste dado pude notar que houve uma queda acentuada na participação dos alunos na turma A. Procurei investigar o porquê deste fato. Utilizei para isso, depoimentos dos alunos desistentes. Alguns alunos desta turma, comentaram que haviam entrado no curso devido a pressão dos pais e que não gostavam de ir para a natação, e preferiam ficar em casa brincando.

Uma vez que o procedimento geral adotado na pesquisa foi o estudo comparativo, mesmo constatando o baixo percentual de desistências na turma B, adotei o mesmo procedimento com os

---

<sup>49</sup> Estes números servem apenas para complementar as informações quanto a pesquisa mas, não representam formas estatísticas.

alunos desistentes. Aí, verifiquei como possíveis causas de desistência, a incompatibilidade de horários e apenas um sujeito apontou insatisfação com a metodologia.

Para a aplicação prática, nas duas turmas, dividi aprendizagem em fases ou etapas, conforme visto na bibliografia; porém pude observar que, para a turma “formal” estas etapas eram visualizadas mais facilmente enquanto para a “lúdica”, elas se interrelacionavam.

### **TURMA A:**

Na fase de adaptação, os alunos deveriam inicialmente sentarem-se na borda da piscina, movimentar a água com os pés e deixar - la molhar o seu corpo e o dos companheiros.

A entrada deve ser cuidadosa pelas escadas e depois fazer uma caminhada em torno da borda para reconhecimento do local, sua extensão e limites espaciais.

Este período deve ser trabalhado com bastante atenção pelo professor porque muitos alunos inicialmente irão se sentir desconfortáveis no novo meio.

Muitos autores sugerem que sejam administradas brincadeiras como “pegas”, recolhimento de objetos no chão da piscina e na superfície, como forma de adaptação mas, somente nesta fase.

Ainda aqui, já cabe ser feito exercícios como flutuar em decúbito dorsal e ventral para manutenção do equilíbrio vertical - horizontal, assim como também ensinar a técnica da movimentação de perna na borda para o equilíbrio dinâmico e estático.

São feitos exercícios como flutuar individualmente e em duplas, para que o companheiro veja os erros do colega e o ajude. Outro também é a movimentação de pernas apoiando as mãos na borda da piscina e depois evoluir para o deslocamento com apoio da pranchinha. Esta atividade irá provocar o deslocamento em posição horizontal e a recuperação à posição vertical.

As observações apontaram que a maioria dos alunos não tiveram paciência para a adaptação, demonstraram grande anseio para poder se deslocar logo mas, não perceberam que essa fase era a fundamental para o resto do curso.

Devido a esta pressa dos alunos, de modo geral, esta etapa costuma ser curta e não permite a eles atingir um bom domínio sobre o meio ao final dela.

Notei que em atividades como “pegas”, “caça submarinos“, ou outras com elementos lúdicos, havia maior participação dos alunos e demonstração de prazer ao executá-las, enquanto, nas atividades mais técnicas como movimentação de perna na borda, as crianças rapidamente se cansavam, mostravam-se descontentes e se dispersavam com grande facilidade.

Pude observar que até então, todas as atividades que necessitavam imergir a cabeça ou todo corpo, eram feitas pelos alunos em apnéia. Depois da adaptação, do período em que o aluno venceu o medo da água no rosto, é ensinado como deve ser a respiração, fator preponderante pois, sem o conhecimento da técnica, os alunos temerão muito as demais atividades.

A respiração é ensinada com os alunos segurando na borda da piscina, inspirando o ar pela boca e expirando pelo nariz , de baixo da água.

Este exercício é repetido por várias vezes e depois de bem assimilado, evolui para a aprendizagem da respiração bilateral, que se caracteriza pela movimentação lateral da cabeça para poder - se respirar dos dois lados do corpo.

Depois de saber respirar na água, vem o mergulho, iniciando com os alunos sentados na borda da piscina, braços em extensão até a altura das orelhas, mãos unidas e flexão do tronco, formando um arco. Lembrando que a primeira parte a entrar na água são as mãos e conforme o aluno vai se sentindo seguro, passa a executar o mesmo ato em posição de pé, até que se torne um ato “ natural ”.

Neste “ quase - experimento ”, estas duas etapas demandaram mais tempo porque a respiração não é habitual e também na maioria das vezes, é bloqueada psicologicamente.

Os alunos inicialmente sentiram grande dificuldade, tinham medo de imergir a cabeça ou prendiam o ar com a boca e muitos colocavam a mão no nariz.

Esta etapa só conseguiu ser superada com o auxílio de outros materiais pedagógicos, como deslizar numa haste de metal até o fundo da piscina com a ajuda do professor, com o aluno segurando a haste com as duas mãos para que ele não “tampe o nariz” ; ou pegando objetos no fundo da piscina a uma distância razoável da borda.

Notei, através destes dados, que nesta etapa também seria importante para a criança, a utilização de elementos lúdicos ou que o professor permitisse um espaço para a criação de brincadeiras para descontrair e executar a aprendizagem desta técnica.

A criação de quadros imaginativos, a utilização da criatividade ou do imaginário do universo da cultura infantil permitiu a troca do medo pelo prazer.

Após a criança estar adaptada ao novo meio, sabendo se deslocar usando a técnica da respiração para imergir, passei à aprendizagem do nado em si.

Primeiramente , ensinamos a movimentação de pernas. As atividades eram:

- ➡ movimentação da perna ( de " crawl " e de " costas ") na borda, para análise, correção e confiança no equilíbrio horizontal e regresso à vertical.
- ➡ movimentação da perna com o auxílio da prancha de flutuação, provocando deslocamento.
- ➡ movimentação de perna sem auxílio de material didático, contando somente com a flutuação do corpo, braços estendidos na frente do corpo e respiração frontal.

Passei então para o trabalho de movimentação dos braços ( " crawl " e "costas ") da seguinte maneira:

- ➡ técnica da braçada na borda da piscina, com respiração frontal, evoluindo para respiração bilateral.
- ➡ movimento da braçada com a prancha, e movimentação de pernas.

Ensinados e aprendidos as duas partes (braços e pernas), os alunos poderão nadar distâncias maiores sem auxílio de materiais.

É preciso lembrar que antes da entrada na água, deve ser feito e valorizado o trabalho de aquecimento / alongamento dos principais grupos musculares e articulações.

Nesta turma, o aquecimento era feito com corridas em torno da piscina e saltos, além dos alongamentos.

Vale descrever que no início de cada aula, antes mesmo do professor iniciar o aquecimento, alguns alunos já começavam a fazê-lo. Eles pediram para que em cada aula, dois deles pudessem orientar esta atividade. O professor consentiu, mas ajudava na orientação e explicava o porquê de cada movimento. Isto pareceu positivo devido a iniciativa e espírito de liderança coletiva mas, em certa medida negativo devido ao fato que eles não tinham uma capacidade ainda bem desenvolvida, de propôr novas formas para fazer a mesma atividade.

Em resumo, pude observar que com esta pedagogia, o ensino é mais rapidamente assimilado, as etapas demandam menos tempo e é possível trabalhar com maior número de crianças, mas, em compensação, muitas imperfeições técnicas e medos são levados para a seguinte fase, que é a do aperfeiçoamento e há um desestímulo visível pelo fato de repetir-se muito as atividades.

### **TURMA B :**

Na fase de adaptação, foram administradas diversas atividades com elementos lúdicos, dentre elas :

➔ Rodas cantadas definidas como: os alunos formavam um círculo com a presença do professor na água e iam vagarosamente girando em um determinado sentido, cantando músicas infantis ou

contando histórias populares. Vez por outra mudava-se o sentido da roda ou era necessário mergulhar o rosto na água.

Esta atividade realçava o equilíbrio, a movimentação no novo meio e a respiração

➔ Deslizar verticalmente pela haste no fundo da piscina segurando-a com as duas mãos e no fundo pegar um objeto imaginando ser um peixe.

Pude observar que induzindo e permitindo espaço para a criança criar, ela esquece temporariamente o medo e a aflição e sente-se realizada por conseguir imergir a cabeça e vitoriosa por ser um mergulhador e no seu imaginário ter conseguido capturar um peixe.

Alguns alunos conseguiram adaptar-se mais rapidamente que outros mas a etapa só foi considerada encerrada quando todos tiveram segurança e confiança no meio. Em vista disto, esta foi uma etapa que demandou maior tempo que o habitual, mas em momento algum se tornou desestimulante.

O aspecto da respiração, impulsão e início de deslocamento são por nós englobados já em algumas atividades da adaptação, mas continuam sendo revistos periodicamente em atividades como:

➔ " Mãe-do-rio " : é delimitado um espaço onde será o rio e um aluno voluntário ou escolhido pelo grupo será o pegador. Os demais colegas deverão atravessar o rio sem serem pegos. Quando um deles for pego irá trocar a função com o pegador.

Esta atividade tem como objetivo o deslocamento através de diferentes maneiras, a integração, o brincar, a maneira adequada da respiração e também o mergulho e impulsão.

Conforme o objetivo da aula, poderá ser enfatizado o movimento das pernas e/ou braços e os diferentes estilos de natação.

É importante a abertura de diálogo com os alunos a fim de que eles possam perceber a maneira de locomoção, as correções e sugerirem outras alternativas.

➡ " Pergunta aquática " : formam-se duas ou mais equipes dependendo do número de crianças. Os integrantes de cada equipe receberão números. Quando o professor disser um número, os alunos respectivos nadarão uma distância pré-determinada; após percorrida esta distância eles ouvirão uma questão do professor. O aluno que souber responder deverá imergir a cabeça. O primeiro a imergir responde a questão.

Nesta atividade pretende-se fazer com que os alunos nadem de diferentes maneiras (só utilizando pernas, só com braços, ou variando estilo) percebendo seus movimentos.

As questões formuladas são de conhecimentos adquiridos na escola (como operações matemáticas, pronomes, geografia, história, entre outros) além dos conhecimentos de cultura geral, como televisão, cinema e desenhos animados.

Esta foi uma das atividades que mais despertou prazer nas crianças e a que deu um maior resultado na correção da técnica do nado, sem tornar o movimento cansativo ou extenuante.

Cabe ressaltar neste momento, que as aulas eram seguidas e as crianças da turma A chegavam um pouco mais cedo e observavam que a outra turma " brincava ". Os alunos da turma A disseram ao professor que eles também queriam brincar. A atitude do professor era igual com as duas turmas mas observava-se que a turma B era mais participativa e na outra, alguns alunos até não participavam, ficando de fora da piscina.

Como uma das formas de avaliação, o pesquisador / professor resolveu adotar o seguinte critério:

Um dia foram invertidas as formas pedagógicas com as turmas; assim sendo, a turma " formal " que teve uma aula com elementos lúdicos não conseguiu se organizar durante a aula principalmente pelo fato de todos não estarem no mesmo grau de desenvolvimento.

Havia uma grande ansiedade em fazer as atividades em forma de brincadeiras, mas muitos não conseguiram sair do esquema sistematizado já adquirido.

Para a turma "lúdica", as atividades foram cansativas, desgastantes e desestimulantes. Os alunos reclamaram para fazer o que lhes era pedido e queriam retornar à outra forma.

Outro critério foi ter uma aula livre, ou seja, o professor deixou a disposição de todos, os materiais pedagógicos e alternativos como pranchas, bóias de câmara de pneu, arcos para flutuação para que eles pudessem fazer uma aula como quisessem, sem a interferência do mesmo.

Observei que na turma " lúdica " os alunos exploraram bem os materiais e o espaço e criaram, todos em conjunto, atividades semelhantes às já feitas durante as aulas passadas, imaginando a bóia ser uma canoa, os braços remos para que pudessem conduzir a canoa, o rio, e criaram uma história - uma aventura, onde cada um tinha sua importância e funções específicas, demonstrando também um espírito de coesão grupal.

Já a turma " tradicional " não utilizou todo o material que lhe foi fornecido, explorando somente aqueles que lhes eram de uso mais comum nas aulas, como as pranchas. Esta turma não explorou o espaço físico, se restringiu a ficar na parte rasa da piscina e ficou nadando de forma individualizada e sistematizada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estabelecendo-se uma síntese entre a pesquisa bibliográfica e o que pude observar no “quase-experimento”, notei que a relação do Homem com a água é antiga e trazia mistérios e importâncias diferentes conforme cada época da História.

Vi também que tendências da Educação Física ainda estão presentes na prática atual e somos influenciados por elas, como é o caso da tendência higienista e competitivista.

Pude observar que em métodos de ensino, aplicados em épocas mais remotas, já havia características mais formais e outro com preocupação de aspectos lúdicos.

Acredito que, com este trabalho, possa estar a disposição da comunidade acadêmica, mais um estímulo para a realização de programas valorizando os aspectos lúdicos de forma séria e com conhecimentos, tornando os alunos seres atuantes e não só receptivos.

Comparando-se os dois métodos posso agora dizer que mesmo podendo-se trabalhar isoladamente com um só dos métodos, a melhor alternativa talvez seja a integração dos dois, pois sabe-se que nenhum método é completamente perfeito e as falhas podem ser supridas mesclando-se o que há de bom em cada um deles. Assim, apesar da pedagogia "lúdica" apresentar menores índices de evasão e maior grau de interesse, o que me leva a concluir pela recomendação na ênfase dos componentes lúdicos no desenvolvimento do processo ensino - aprendizagem, torna - se necessária a combinação de aspectos presentes nas duas pedagogias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. A gestação do futuro. 2º ed, Campinas: Papirus, 1987.
- ARAÚJO JÚNIOR, Bráulio. Natação: Saber fazer ou fazer sabendo? Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- BRUHNS, Heloísa T. O corpo parceiro e o corpo adversário. Campinas: Papirus, 1993.
- BRUYNE, Paul de; Herman, Jacquez; Schoutheete, Marc de. Dinâmica da pesquisa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- BURKHARDT, R ; ESCOBAR, M. Natação para portadores de deficiências. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1985.
- CAMARGO, Luís O.Lima. O que é Lazer. São Paulo: Ed.Brasiliense, 1986.
- CARVALHO, Maria Cecília M. de. Construindo o saber: técnicas de metodologia científica. org. Maria Cecília M. de Carvalho . 2º ed. Campinas: Papirus, 1989.
- CATTEAU, Raymond ; GAROFF, Gérard. O ensino da natação. 3º edição. São Paulo: Ed. Manole, 1990.
- DAMASCENO, Leonardo Graffius. Natação, Psicomotricidade e Desenvolvimento. Brasília: Secretaria dos Desportos da Previdência da República, 1992.
- DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e cultura popular. Trad. M.L.Machado. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- FREIRE, João B. Educação de corpo inteiro - Teoria e prática da Educação Física. 1º edição. Campinas: Editora Scipione, 1989.
- GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. Educação Física Progressista. São Paulo: Ed. Loyola, 1988.

GIRARDI, Maria José. Brincar de viver o corpo , In. V.L.N.Piccolo. Educação Física Escolar: Ser ou não ter ? Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

KISCHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogos Tradicionais Infantis. O jogo, a criança e a educação. 2º edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995.

LEBOVICI, S ; DIATKINE. Significado e função do brinquedo na criança. Trad. Liana Di Marco. 3º edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

LENK, Maria ; PEREIRA, Wilson. Natação Olímpica. Rio de Janeiro: Cia. Ed. Americana.

LOTUFO, João N. Ensinando a nadar. 8º edição. São Paulo: Brasipal, 1980.

MACHADO, David C. Metodologia da Natação. 1º edição. São Paulo: EPU/EDUSP, 1978.

MARCELLINO, Nelson C. Pedagogia da animação. Campinas: Papirus, 1990.

A sala de aula como espaço para o " jogo do saber " , In. Sala de aula. Que espaço é esse ? Org. Regis de Moraes. 2º edição. Campinas: Papirus, 1986.

Ocorrência histórica do lazer, Suplemento Lazer e Turismo, Correio Popular, Campinas, 14 de agosto de 1987.

OLIVEIRA, Vítor M de. O que é Educação Física. 4º edição. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

RAPOSO, A.J.V. O ensino da natação. 2º edição. Lisboa: Editora ISEF, 1981.

REY, Luís. Planejar e redigir trabalhos científicos. São Paulo, Edgard Blücher, Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 1988 c 1987.

ROLIM, Liz Cintra. Educação e Lazer: A aprendizagem permanente. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

WILKIE, David. ; JUBA, Kelvin. Iniciação à natação. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

## BIBLIOGRAFIA

CENNI, Roberto. Kan-Ichi-Sato - Vida na Água. São Paulo: Pioneira, 1993.

DANNA, Marilda Fernandes; Matos, Maria Amélia. Ensinando Observação - Uma Introdução. São Paulo: Edicon, 1984.

KLEMM, Franz. Ensino da natação ao principiante. Trad. Richard P. Neto. Rio de Janeiro: Ed. Tecnoprint Ltda, 1982.

NORONHA, Rômulo. Nadar é preciso. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1985.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 5ª ed, São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1980.